

AMOCIDADE

HEBDOMADARIO SCIENTIFICO E LITTERARIO MUNICIPIO DE BARCELLOS
BIBLIOTECA

COLLABORADORES

Accacio Borges—Albano Coelho—A. V. Cid—Dr. Alves Mendes—Dr. Alves da Veiga —
Antonio Fogaça — Antonio Pleias—Augusto de Castro—Augusto de Mesquita—B. Caldas—Bernardino
de Senna Freitas—Dr. Delfim de Carvalho—Candido da Cruz—José Alves de Faria—F. C. Vas-
ques—Ernesto Leitão—Francisco Bastos—Ignacio Carneiro—Joaquim José Martins
J. C. V.—Armelim Junior—Dr. Pereira Caldas—Pinto da Rocha—Sébastian Pereira da
Cunha—Silvestre Falcão—Joaquim Alves da Silva—Dr. Antonio Julio de Miranda—Dr. José
Maria de Figueiredo, etc, etc.

SUMMARIO

Chronica por Pirolito. *Ao snr. Eugenio de Castro* por Julio C. Vasques. *Neto-avô* por Antonio Nobre. *Os tubarões d'Aden* por F. C. Vasques. *Filigrana* por João Novaes. *A propriedade litteraria* por Ignacio Carneiro. *Folhas soltas da historia da Edade Media* por F. (Sciencias) *Questões elementares de Economia politica* por Armelim Junior. *Os monopolios* por J. Martins. *Em familia* (Passatempos) *Secção de xadrez* por J. C. V. *Publicações*.

CHRONICA

Passou-se a semana sem novidade, e para achar assumpto para a chronica vi-me na necessidade de lêr os jornaes para vêr se descortinava um facto, um acontecimento mais ou menos interessante, para lançar mão d'elle e encher estas duas primeiras columnas.

Podia escrever alguma coisa a respeito da morte do nosso primeiro estadista o snr. Fontes Pereira de Mello, mas como aborreço os panegyricos deixarei este assumpto que demais a mais tem servido para encher as primeiras columnas de todos os jornaes portuguezes.

Podia contar tambem o que nos dizem da capital sobre o Hamlet representado no theatro de D. Maria em que o Brazão, fazendo o principal papel, eleva ao seu apogeu a arte dramatica portugueza; ou narrar os perigos que correm as canellas dos lisboetas por causa dos cães damnados que agora povoam a capital.

Porei tambem de parte estes dois assumptos que se encontram em quasi todos os jornaes de Lisboa para lhes apresentar uma noticia publicada no *Arcoense* de 15 de janeiro:

«O Dr. João Felix Pereira, está escrevendo um

romance philosophico social, em que se propõe deffender a seguinte these: — *a medicina é um mal e os medicos são assassinos!!!*»

O' João não caias cá baixo!...

E' um assumpto extremamente palpitante de que lançou mão o snr. Dr. Pereira e não sei como sairão os medicos dos apertos em que tal livro os vae pôr.

Se estudasse para medico com certeza desistia immediatamente de tal intuito ainda que já cursasse os ultimos annos.

Tenho andado a matutar como que é que o tal snr. José Pereira, digo, João Pereira ha de demonstrar semelhante these.

Provavelmente não sabe em que se vae metter; nada menos do que ir refutar os estudos de Verneuil, de Velpeau, de Cornil e Ranvier, de Charcot, Cohnheim e de muitos outros medicos iminentes.

E como isto não é coisa que se faça de pé para a mão indica-nos que se pôde dar um dos seguintes casos; ou que o snr. Pereira é um genio, um talento capaz de pôr n'um momento, em debandada, todos os argumentos d'essa cohorte de medicos illustres, provando-lhes que nada sabem, ou então, a noticia é falsa.

Inclino-me para esta segunda com o devido perdão do snr. doutor; talvez que o nosso collega *Arcoense* fosse mal informado impingindo assim, inconscientemente, um susto a todos os medicos.

Mas se é verdadeira a noticia que appareça o mais depressa possivel que não deixarei de rir o meu bocado...

Sempre apparece cada uma por este mundo de Christo!...

Por causa d'isto nem dei noticia aos leitores d'um fogo que por aqui houve n'esta semana mas como provavelmente já o sabem, calo-me.

Ao Snr.

Eugenio de Castro

Rua dos Tanqueiros n.º (não sei)

LISBOA.

Meu caro:

Um d'estes dias, quando estava na Escola um meu condiscipulo chegou-se a mim com ares misteriosos, chamando a minha atençaõ para uma chronica em que o amigo, dizendo-me coisas muito feias, me accusa desapiedadamente, a mim, pobre gralha, de me ter enfeitado com as penas d'um *joven pavão de dezasete annos* sem ao menos dar nome ao tal pavão

Entreii immediatamente em despezas parafusando *in mente* o que teria eu que vêr com o snr. Castro.

Depois de lêr os varios periodos em que o amigo mostra claramente o roubo de que foi victima, reli o meu artigo publicado nos numeros 7 e 8 da *Mocidade* e fiquei convencidissimo de que forçosamente tinha de saltar na *corda bamba* por me querer *abotoar* com a sua prosa; mas, como o roubo me não pesava na consciencia, peguei dos originaes e confrontando-os com o que estava publicado nos numeros a que acima me referi, notei que não estavam eguaes

Uma travessura typographica em que me não cabe a menor culpa e de que o sr. Castro lançou mão para encher uma columna por falta d'outros assumptos.

Os periodos a que o snr. E. de Castro alludiu estavam no original *griphados*, mostrando bem claramente que aquellas palayras me não pertenciam; mas relativamente ao seu nome, com a maxima franqueza, não appareceu nem podia apparecer porque o não *transcrevi*.

E, se não transcrevi, foi porque julguei ser sufficiente sublinhar aquellas palayras; enganei-me redondamente.

E' um peccado de que já estou arrependido.

Como vé resumiu-se tudo a uma pequena transcripção e não um roubo como classificou. E, se se desse ao cuidado de completar o meu artigo, encontraria no fim mais um periodo da sua lavra.

Comtudo não tenho remorsos da transcripção apesar de que, desde o momento em que vi o joven auctor das *Perolas*, descompondo-se, arremetter contra mim, tão quichotesicamente e com olhares chammejantes de colera, parece-me vêr surgir, a cada instante, no meio dos meus trabalhos escolasticos, a sombra ameaçadora de Camões, fulminando-me com a sua presença e accusando-me do mesmo crime.

Depois d'um pedido, que satisfarei logo que se me offereça ensejo para isso, termina o snr. Castro por um *senão* com muitas reticencias. Apesar de me servir de luneta não vi bem, isto é, não percebi bem o que queria dizer com aquella palayra.

E não se admire se não percebi.

Não sou litterato; obrigado por um certo numero de circumstancias a ser escriptor — *escriptor á força* — conservo-me completamente leigo e alheio aos castigos das transcripções; mas se queria exprimir por aquellas palayras e reticencias uma ameaça, desde já estou a seus pés pedindo *misericordia* para que me não deite a perder (não tenho mulher e filhos, mas isso não tem importancia para o caso).

De todo este aranzel fica o snr. Castro inteirado de como se passou o caso, e de que, apesar dos esforços que fiz, não o pude tomar a serio.

Que pandego!... Que bom typo!... Que dentista!... Que ratão me saiu o tal snr. Castro com o seu *senão*!...

...Deixa-me terminar porque se continuo pôde apparecer por ahi o snr. Euphrates das *Variiedades* e...

Fica á sua disposição para tudo o que lhe fôr prestavel.

Porto.

Jullo C. Vasques.

R. Direita 275.

NETO-AVÔ

Quando eu estou n'um bando alegre de creanças.
Ou n'um grupo de bons e tremulos velhinhos,
Sinto uma paz extranha: eu vejo pombas mansas
Com ramos de oliveira a architectar os ninhos!

Ao pé dos velhos, sinto um morbido desmaio,
Mas, se as creanças vêm, renasce-me o vigôr,
Porque ellas são a flôr das arvores, em Maio,
E os velhos são o Outomno, as arvores sem flôr...

Comtudo, ao vêr em torno as criancitas bellas,
Brincando como uma ave e a rir como andorinhas,
Os velhos a brincar e rindo, como ellas,
Transformam-se, bom Deus! em velhos-criancinhas!

Os velhos são o inverno, a infancia é o sol ardente:
No entanto, apesar d'isso, ao ouvil-os fallar.
Eu sinto-me feliz e regalado e quente,
Como ao pé d'um bom fogo, entre a expansão d'um lar!

Inflamo-me, se escuto as suas idas glorias,
Com que guerreiro amôr brandiam as espadas...
E ás creanças, então, eu conto-lhes historias,
Em que entram moiras, reis e principes e fadas!

E assim como supplico e arranço aos bons dos velhos
Contos sem conta — aos mil! — ella em ancias eguaes,
Quande eu acabo, emfim, supplicam de joelhos
Que não acabe já, e inda lhes conte mais...

De modo que hesitante, ó murchas esperanças!
Entre a velhice e a infancia, entre esses dois caminhos,
Penso que sou avô ao lado das creanças.
E julgo-me creança, ao lado dos velhinhos!

Do livro no prélo: «Alicerces».

Antonio Nobre.

OS TUBARÕES D'ADEN

(PIERRE MAEL)

Junto do rochedo requeimado pelo sol, o mar, de cores cambiantes e variegadas, fundo azul, limpido, que dissolve a claridade e que atravessam às vezes como fléchas d'ouro os raios perpendiculares, vae espriar-se preguiçoso. Vê-se então o traço luminoso mergulhar em serpente nos leitos mollemente undulosos. Um sopro sobrevem que o apaga, uma lixivia que embacia n'um momento este gelo polido. A' medida que o sol se inclina, a muralha de granito reenvia a sua reverberação á onda.

Um sopro tépido começa de sentir-se; estrias mais carregadas alongam-se por sobre o azul intenso e as sombras profiladas dos navios e barcos estendem-se, distinctamente desenhados, na toalha d'agua que os borda d'escuma.

E' o momento em que os pescadores da costa se fazem ao largo. Os barcos sem quilha, as tartanas concavas, as canôas redondas semelhantes a cassarolas, deslisam, vagarosos ou ligeiros por sobre a agua. Veem-se surgir os mastros, as antenas abrirem os braços, as vélas incharem pouco a pouco ao primeiro sopro. E todo o bando se dispersa pelo Oceano em quanto que da praia os casacos vermelhos e as calças brancas dos soldados inglezes presenciavam aquella paysagem desolada.

O calor—esse é insupportavel. Apesar da triple tenda que cobre a *beja*, apesar de nos banharmos d'hora em hora, os homens cahiam exhaustos. Cabos e amarras estavam impossiveis.

São seis horas. O sol toca com o seu rubro disco o extremo limite do poente. Vae deixar-se cahir por traz do horisonte flammejante. Eis que o vento d'Este nos vem refrescar alguma coisa os pulmões.

Subito, o mar cobre-se de palhetas.

São os raios obliquos que se pulverisam nas cristas das ondas.

N'este momento surgem ao longe grande quantidade de vultos. Um instante mais tarde e ahí estavam nós rodeados por uma porção de barcos, quasi que pirogas, muito parecidos com as de Ceylão e Malta tripulados por arabes, pescadores de marisco. Aco-dem pressurosos deslizando pela agua com um simples movimento de fangas.

Depois curvam-se de maneira a chegarem a frente ao fundo do barco. E' a sua maneira de mendigar. Os marinheiros deixam-se tentar. Soldos a principio, vulgares *païssas* da India cahem ao longo de bordo.

Os denodados mergulhadores lá se lançam em seu seguimento.

Viamol-os do tombadilho mergulharem com a agilidadade das enguias na profundeza transparente. Um ins-

tante depois reapparecem e mostram-nos com gritos de alegria guturaes, a moeda apanhada. Depois tentamos a experiencia com moedas de prata.

O pequeno disco desce na agua crystallina e o Arabe, no meio da effervescencia e dos circulos que provoca a sua queda lá vae agarral-o a cinco e seis metros de distancia.

Todos os que têm viajado nos mares da India conhecem este spectaculo pittoresco que, verdade, verdade, pouco ou nenhum interesse offerece. Para mim serviu-me só para presenciar um drama lamentavel.

(Continua)

F. C. Vasques.

FILIGRAMA

—
Cri
Bem
Em
Ti

E
Nem
Vi
Quem;

Te
Deu
Mais

Ais
Que
Eu.

João Novaes.

A PROPRIEDADE LITTERARIA

(Ao ex.^{mo} Dr. A. Julio de Miranda)

A caso haverá quem conteste que o homem é livre no uso, posse e fruição dos productos do seu trabalho? que as suas faculdades tanto podem actuar sobre o mundo phisico, como sobre o mundo moral?

.....
Embora conscio de que hoje não ha communista ou socialista que airoosamente o contradiga, importa para segurança individual colar fundo no animo d'alguns... que a propriedade litteraria é legitima, fundada nos principios da moral social.

*

O trabalho intellectual é o mais bello ideal, aonde miram os esforços generosos da moderna geração.

Pedro de Alcantara tornado distincto na republica das lettras, pôde ser elevado á suprema dignidade do imperio; Voltaire, o sabio do seculo passado, á custa

de milhares de insomnias e vigílias, pôde obter um nome europeu; Christovão Colombo, guiado por um pensamento enorme, levou luz immensa aos filhos da floresta e tornou-se um genio, um sol do novo mundo.

E', pois, barbaridade inaudita, injustiça insultante que homens que vivem mormente nas terras de Santa Cruz, roubem os fructos de esforços sublimes com que o obreiro do trabalho avoluma o patrimonio da intelligencia, alarga os horisontes da sciencia e propaga a jorros a luz do seu intendimento.

Não é humano, não é justo, portanto, que um livro que vê pela primeira vez a luz da publicidade pertença a quem o lê e não a quem o fez.

Pois de quem é o fructo da arvore? de quem a seara do campo? de quem a estatua que formou o estatuario d'uma pedra de marmore? de quem o artefacto que o fabricante executou?

Se não ha contestação possivel sobre a posse e o dominio do fructo, da seara, da estatua e do artefacto conclue-se que direito equal, se não for superior, assiste ao escriptor sobre o livro que elaborou.

Pede-o a logica, exige-o a justiça e reclama-o a dignidade humana.

*

E' de balde, porém, que se pretende renovar debates sobre um ponto que a sciencia prejudgara; pois que, se ao homem pertence o dominio pleno do exercicio de suas faculdades, com mais rasão ainda de seus fructos.

E' realmente assombroso que haja quem contesta ao cultor da sciencia que se lembrou um dia da communicar á sociedade um quinhão dos talentos que archivou n'õ seu espirito, o direito de propriedade sobre a obra que architectou á custa de avultados trabalhos, continuas fadigas e longas vigílias que lhe custaram, quem sabe, a saude e a vida!

Será, pois, mister prégar a santidade do trabalho?

Pois bem, cidadãos do Brazil; o trabalho do espirito, sol que a todos alimenta e vivifica, enriquece a litteratura, amacia os costumes e dispõe o homem para as conquistas do progresso e para os esplendores da civilisação.

Em verdade o que é de estranhar é que a nação que mais ennobrece o trabalho e que da melhor vontade acolhe os infatigaveis obreiros do trabalho, seja a primeira que descrê d'esta legitimidade, a mais santa, a mais justa; pois que não vae longe a epocha em que muitos a julgaram um dogma social, superior a toda a discussão.

*

O homem a quem foi dado o condão do genio, embora não seja proprietario, mas depositario das

ideias cujo patrimonio é do dominio da humanidade, tem todavia todo o direito sobre ellas; pois que as apropria e assimilha a seu bello prazer.

Sem duvida que se não desprende da sua sciencia o escriptor, como do seu gosto o artista; mas tambem o industrial não aliena corte que possui para produzir uma certa ordem de artefactos; vende-os apenas da mesma sorte que o escriptor o seu trabalho.

Mais: o industrial não vende a cousa, mas o artefacto em si, o seu valor, o seu serviço, cousas estas immaterias como a lição do mestre, como a contextura do livro.

E' porisso que toda a humanidade trabalha solidaria na grandiosa fabrica do progresso, desde o ente que desempenha o mais modesto papel de comparsa no grande drama do trabalho, até o que mais brilha por sobre os outros, já pelos esplendores do seu genio, já pelos attractivos do seu talento, já pelas graças d'uma imaginação rediviva.

Demonstrado, finalmente, que a mercê das ideias é propriedade exclusiva do auctor que applicou a sua intelligencia ao campo do pensamento, da mesma forma que o trabalho humano, applicado á terra, faz seus os fructos que produz; é um dever, mais que sagrado, respeitar, ao menos, o direito de propriedade a esse homem que muitas vezes chega a perder a vida, verdadeiro holocausto que faz nos altares da patria e da humanidade.

Coimbra 20—1—87.

Ignacio Carneiro.



FOLHAS SOLTAS DA HISTORIA DA EDADE MEDIA

(FRAGMENTOS)

A cavallaria teve a sua origem nas florestas da Germania. Esta instituição, pelas ideias que symbolizava, contribuiu muito para reprimir as violencias feudaes e melhorar os costumes.

A mulher era o ideal dos cavalleiros, assim como dos torneios e das côrtes da idade media; honra ao bello sexo, era o grito geral. A' ordem do escudo de ouro, instituida por Luiz 4.º, foi imposta a condição de proteger a honra da mulher. Este culto da mulher era uma das características dos germanos; porque se a mulher grega passava indifferente d'um senhor para outro, a mulher do germano quinhoava já, como companheira do seu marido, o seu destino. A cavallaria, porém, desviou-se do seu primitivo instituto, principiou a cahir no ridiculo; tinha cessado o entusiasmo dos primitivos tempos e o abuso que se fazia dos romances de cavallaria e os resultados que d'ahi derivavam para os costumes, determinaram a sua prohibição. Os romances da fabula redonda e o de D. Quichote exprimiu cada um o pensamento da sua epo-

cha. A cavallaria sobreviveu ao feudalismo, mas transformou-se sob a realza. As armas mudaram-se em títulos, que os reis conferiram aos filhos d'algo e aos homens de letras; mas a cavallaria guerreira tinha brilhado pela sua bravura e valor, e a da côrte esquecendo-se das armas, tornar-se-ha ociosa e cortezã. Conservando porém sempre, atravez das vicissitudes dos tempos, os sentimentos e nobres qualidades d'um cavalleiro, manter-se-ha pelo menos, como centro de attracção para as classes sociaes, inspirando a todos os individuos o desejo de se elevarem constantemente a um nivel superior, até a verdadeira grandeza.

F.

SCIENCIAS

Questões elementares d'Economia Política

I

Entre as multiplas questões, debatidas pelos economistas, está a de saber se a terra é ou não um capital. Dizem uns que é, e outros que não é capital, mas um «agente natural», isto é, uma força, dom da natureza.

Stanley Jevons, tambem nega á terra a denominação de capital, chama-lhe «agente natural», e n'outra parte da sua «Economia Política», chama-lhe «instrumento de producção»!

Ou bem ha-de ser «agente», ou «instrumento»; ambas as cousas, simultaneamente, é que não póde ser; e, se é instrumento, é capital.

Passo a domonstrar-o.

Em toda a producção temos que considerar, inquestionavelmente, quatro elementos; a saber:

1.º o agente, ou factor da producção; a força intelligente e activa, causa efficiente, elemento dirigente da producção. O unico agente ou factor da producção é o «homem», cuja acção é o «trabalho», e a resultante, o producto d'este são as «utilidades».

2.º *Instrumentos* da producção, meios de que o homem se serve para «produzir»; ou os intermedios entre o agente e a materia da producção. Taes são os instrumentos *naturaes*, impropriamente chamados *agentes*, a força das correntes hydraulicas, a força das correntes atmosphericas, a força dinamica do vapor, etc.; e os instrumentos *artificiaes*, como machinas, ferramentas, etc.

3.º *Materia* da producção; tudo o que é objecto da applicação d'esses instrumentos, ou sobre que se exerce a acção do trabalho. Taes são as *materias primas*, como madeira, materia textil, minerio, etc.; e os *productos imperfeitos*, os que ainda não passaram pela feira completa das transformações industriaes. Assim,

por exemplo, o linho, que é materia prima para o agricultor, transforma-se em «producto imperfeito» e é capital de producção, nas mãos do assedador; em seguida nas mãos do flandeiro, depois nas do tecelão, e, finalmente torna-se «producto perfeito», cabal, nas mãos do alfaiate.

4.º, finalmente os «*productos perfectos*», os resultados finaes da producção.

Esta simples classificação, natural, logica, rigorosissima, fundada na propria natureza das cousas, que é o mais solido e convincente argumento, basta, quanto a mim, para pôr em evidencia as graves inexactidões terminologicas de muitos economistas e a prejudicialissima confusão que estabelecem nas palavras.

A simples inspecção dos differentes membros d'esta minha classificação, e das respectivas definições, mostra claramente o seguinte:

1.º «agente» não é o mesmo que «instrumento», assim como a potencia que obra não é o meio porque obra, nem o homem que trabalha é o instrumento com que trabalha. Estes assertos—alem da profunda verdade que encerram, verdade fundada na propria realidade das cousas—teem o grande merito de collocar o homem e o seu trabalho no primeiro plano, na sua verdadeira e legitima posição levantada e nobilissima, considerando-o a unica actividade economica, o unico agente de producção.

2.º O trabalho não é um instrumento de producção, como erradamente affirma Stanley Jevons, que, n'outra parte da sua obra, affirma com razão que o trabalho não é um capital. Se não é capital como é então que Jevons o considera instrnmento de producção?! Deploraveis confusões!

O trabalho não é capital, e portanto não é instrumento; é a objectivação da actividade industrial do homem; é esta actividade em exercicio; é a acção reflectida do homem—sob a pressão da necessidade—sobre o mundo exterior, e ainda sobre o interior, assim de tornar *uteis*, ou augmentar a *utilidade* que já tinham, e fazel-as servir ao seu *bem estar*, as cousas que abi se encontram.

3.º A terra é um instrumento, e portanto um capital de producção.

Armelim Junior.

OS MONOPOLIOS

O monopolio é uma coartação manifesta da liberdade individual, é a exploração torpe de milhares de individuos por meia duzia de pessoas, é a viciação da lei da offerta e da procura. Seja qual fôr o ponto de vista sob que se examinem os seus resultados, a sciencia economica condemna-os e o bem publico amaldiçoa-os. Entremos na apreciação de cada um d'elles em separado. Em primeiro logar figura a elevação de preço

da substancia monopolisada, e esta carestia tira a sua origem de tres causas differentes: da falta de livre concorrência porque os monopolisadores são os unicos fabricantes; da qualidade da substancia manufacturada que se torna pessima de boa ou rasoavel que era; da mão d'obra quasi sempre mal acabada. E para que aperfeiçoamento, se não ha competidores? Vem em seguida a depreciação do trabalho que se traduz não só pela redução no salario do operario, como tambem pelo mau tratamento de que este é victima e a que se tem de sujeitar, porque não encontra outro mister igual em que exerça a sua aptidão. Contemos ainda o vexame publico. Quem se não lembra do modo atrevido com que respondiam aos consumidores os que vendiam tabaco ou sabão no tempo do contracto, quem esqueceu os varejos continuos, em que muitas vezes figuravam vinganças pessoas, a que estavam sujeitos os commerciantes? E se attentarmos um pouco mais em alguns dos resultados que acabamos de apontar e cuja confirmação já conta largos annos, outras consequencias se descobrem, talvez de não menos importancia. A alta de preço difficulta ao pobre o accesso ao artigo monopolisado porque a venda d'uma substancia de provada utilidade está na rasão inversa do seu preço.

E para aggravar a situação concorre ainda a baixa do salario do artista que já não póde prevêr a algumas das suas necessidades, d'onde a miseria, falta de aceio que se manifesta desde logo na classe operaria. O proprio governo além de nada lucrar com taes privilegios, acha-se muitas vezes ameaçado na sua estabilidade. Os monopolistas são o seu espantelho. Ou se curva ás imposições d'estas associações que com o decorrer dos annos se tornam fortissimas ou caem ante a ameaça da despedida dos operarios. E tudo isto para que? Para enriquecer um pequeno numero de individuos á custa do suor de muitos. Mencionemos ainda um facto cuja importancia não deixa de ser manifesta. E' o caso de ser o Estado o monopolista; então o trabalho nacional sobrecarrega ainda com o pessoal do fisco, succia de vadios que poderia ser empregada em trabalhos uteis. Os monopolios são, pois, peias á liberdade d'um povo porque annullam a livre concorrência; são uma exploração porque o genero é peor e mais caro; falsificam a lei da offerta e da procura por que o estado intervem na liberdade do trabalho. Os monopolios são as trancas com que se trava a roda do progresso social.

Fica, pois, lavrado o nosso protesto contra o futuro monopolio do tabaco.

Porte.

J. Martins.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

Herminigildo Nobre — Barcellos. — Pode entrar, pois não. Mas para outra vez mande alguma coisa melhor do que mandou. Não desanime, continue.

Trinca Tudo — Porto. — N'este numero verá que não é mal recebido; não publico todas as charadas porque já saíram algumas publicadas n'este semanario.

Viorne — Braga. — A decifração da primeira não é exacta.

R. Folhempote — Braga. — Porque desanimou tão depressa.

CHARADAS

Novissimas

Lisonjeia esta ave uma pessoa pretenciosa e impostora — 2—2.

Porto.

Philo.

Na musica o pronome é da fabula — 1—1.

Este appellido e esta cidade é da fabula — 1—2.

De 9 a segunda diz que não é lago — 1—2.

Braga.

Viorne.

Existe este alimento no jardim — 1—1.

Barcellos.

Herminigildo Nobre.

Telegraphicas

A's direitas e ás avessas na Botanica — 3.

Barcellos.

Calote.

A's direitas e ás avessas arvore — 2.

Porto.

Philo.

Electricas

A's direitas nas aves, ás avessas nos sinos — 2.

Barcellos.

Etelvino Magro.

A's direitas usam-se poucas vezes, ás avessas salta — 2.

Porto.

Trinca Tudo.

A's direitas peixes, ás avessas mulheres — 2.

A's direitas mulher, ás avessas planta — 2.

Barcellos.

A. Coelho.

Em quadro

- Estabelecimento
- Cheiro
- Nome
- Circulos

Barcellos.

Calote.

(Por syllabas)

—	—	—
—	—	—
—	—	—

Cidade

No navio

Animal

Barcellos.

A. Coelho.

Em mappa

(A F. A. Marques d'Azevedo)

2	2	No navio
2	2	No homem
No homem	No navio	

Barcellos.

Etelvino Magro.

ENYGMATA

Ao Folhempote de Braga

DDN
X
DNU

O Folhempote do Porto.

PROBLEMA

Temos um areostato espherico de 4^m de diametro; enche-se de hydrogenio impuro, de que o metro cubico pesa 100 grammas. O metro quadrado do tafetá envernizado pesa 250 grammas. Pergunta-se que quantidade de hydrogenio é preciso para o encher e a que peso faz equilibrio, sabendo-se que cada metro cubico d'ar pesa 1300 grammas?

Decifradores

Decifraram algumas das charadas do numero passado os ex.^{mos} snrs. Etelvino Magro, Trinca Tudo e Viorne.

Quadro d'honra

Decifrou todas as charadas e logogriphos do numero passado o ex.^{mo} snr.

Rei Chiquito

DECIFRAÇÕES

Das charadas novissimas—Sedovim, limonada, avilla.

Das charadas electricas—Ajol, raza.

Das charadas em mappa — pa la
la pa

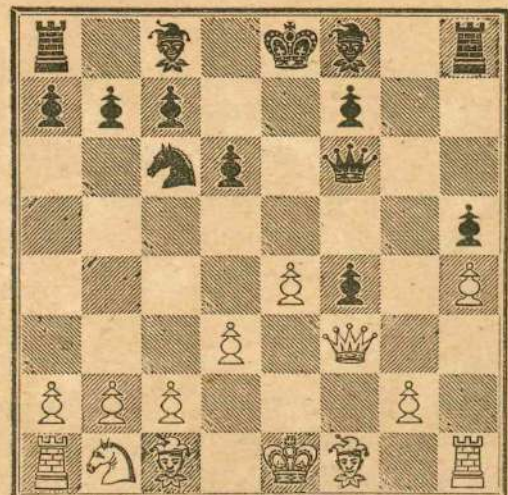
Dos logogriphos—Philippe, Santa Martha de Penaguão.

Do problema—O encontro effectua-se n'um ponto distante da terra 39,^m2.

SECÇÃO DE XADREZ

2.ª PARTIDA

Negras

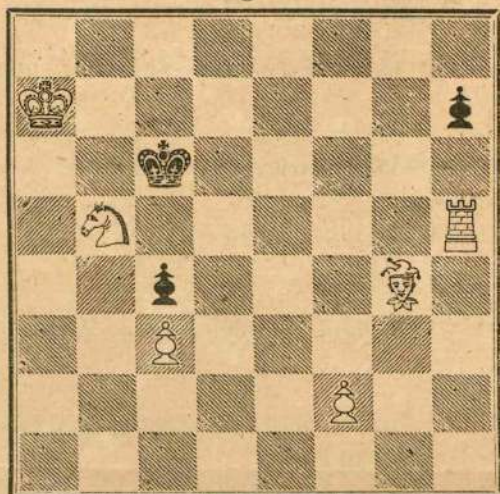


Branças

B. (Regoa) N. (Porto)
 10. D t P 10. D t. D
 11. P 3 B D 11. B 5 C R

(Continua).

Publico hoje um problema feito pelo ex.^{mo} snr. Frederico de Vasconcellos, distinctissimo jogador de Lisboa.

Problema n.º 2**Negras****Branças**

AS BRANCAS JOGAM E DÃO MATE EM TRES LANCES.

No proximo numero publicarei um, feito por um jogador portuense.

VOCABULARIO D'ALGUMAS PALAVRAS TECHNICAS

2.º *Cheque*—Quando o Rei é atacado por alguma peça deve-se avisar o adversario dizendo—cheque.

Alguns jogadores tem o costume de avisar o *cheque á Dama*; é um abuso que se não dá entre jogadores instruidos.

Quando o adversario tiver o Rei em cheque, sem reparar e sem ter sido avisado, e fizer outro qualquer lance sem defender o Rei, e se o outro parceiro no lance seguinte quizer tomar ou atacar uma peça dizendo—cheque—aquelle tem direito a retirar o lance antecedente e defender o rei. Se estiver em cheque depois de passarem varios lances sem ser possivel verificar se foi elle que se poz em cheque ou se este

lhe foi dado ainda tem o mesmo direito—retirar o ultimo lance e defender-se.

3.º *Cheque e mate* ou simplesmente *mate* tem lugar quando o Rei está atacado e que não pode jogar sem se collocar debaixo d'outro cheque, nem tomar a peça que o ataca, nem intropor uma outra. O mate faz ganhar o parceiro quo o dá.

J. C. V.

PUBLICAÇÕES

Temos recebido os seguintes jornaes: *Variedades*, *Perola*, *Alvorada*, *Aurora*, *Universo illustrado*, *Jornal do Douro*, *Commercio de Lisboa*, *Gazeta de Famalicão*, *Gazeta do Povo*, *Folha da Manhã*, *Charivari*, *Arcoense*, *Pharmacia Portugueza*, *Medicina Dosimetrica*, *Guia da Saude*, *Correio d'Aveiro*, *Domingo*, *Independencia Nove de Julho* e *Bouquet*.

O *Charivari* já ha duas semanas que não nos visita; porque será?

Agradecemos a todos a troca e pedimol-a a todos os periodicos que receberem a *Mocidade*.

Recebemos tambem um libreto de *Rimas* do snr. Manoel Vaz e um romance *Venturas e Aventuras* do snr. Albano Coelho de que diremos alguma coisa no proximo numero.

EXPEDIENTE

Novamente avisamos os nossos estimaveis assignantes de que toda a correspondencia deve ser dirigida a J. Camaleão — Rua Direita, 275 — Porto.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

EM BARCELLOS		FÓRA DE BARCELLOS	
Anno.....	17400 reis	Anno	17500 reis
Mez.....	120 "	Mez.....	140 "
Numero avulso.... 40 reis.			

Direcção e administração — Barcellos — Rua Direita.